

Saudando José Renato Nalini na Academia Paulista de Letras

Paulo Bomfim

Há quarenta anos, num 23 de maio inesquecível, eu era recebido nesta casa pelo verbo candente de Ibrahim Nobre, tribuno de 32, porta-voz dos anseios da pátria paulista.

Quatro décadas são passadas no convívio com as tradições e sonhos das quarenta cadeiras que ocupam o plenário deste sodalício.

Minha Academia que se faz tão linda,
Toda debruçada sobre seu passado,
Chácara do Arouche, chá que se transforma
Num ritual antigo, suave convivência.
Ronda de lembranças envolvendo a bênção
Dos cabelos brancos recordando sagas,
Canto que se encanta na canção do tempo,
Minha Academia tão paulista e linda!
Passam gerações e vão chegando os outros,
Conduzindo a senha de seus livros-sonhos,
Nas cadeiras-barcos vamos navegando
Entre as ilhas verdes das sessões de outrora.
Chegam peregrinos, partem navegantes,
Mas o fogo que arde na paixão das tochas
Vai de livro em livro iluminando rumos,
Ramos de saudade, ronda de lembranças
Perfumando estantes, percorrendo as salas;
Minha Academia de cabelos brancos
Toda debruçada sobre seu passado,
Numas tutelares que nos acompanham
Numa convivência que transpõe fronteiras,
Entre o agora e o sempre desses universos
Paralelos feitos de uma eterna idade.
Minha Academia de quarenta histórias,
De quarenta cantos de Piratininga,
Nas sessões futuras, quando eu for ausência,
Guarda-me no encanto deste chão do Arouche!



José Renato Nalini, no dia de sua posse na APL

A vida de José Renato Nalini é toda ela uma lição de ética. Vive com sabedoria a vocação judicante que se reflete naquilo que escreve e nos ensinamentos que transmite a seus alunos.

Mestre em direito e doutor em convivência, magistrado culto e humano cujo exemplo nos transporta aos varões de Plutarco da magistratura bandeirante.

A presença do novo acadêmico enriquece a história deste templo de cultura.

Ocupa a cadeira número 40, de nobres tradições de erudição e civismo, patroneada por José Bonifácio, moldador da nacionalidade, tão bem representado nesta academia por sua descendente, a acadêmica Ana Maria Martins, e, no passado, pela figura sempre lembrada de Raul de Andrada e Silva.

José Feliciano de Oliveira, o artífice dessa cadeira predestinada, nasce na Jundiá fundada por seu ancestral, Rafael de Oliveira, cidade que também seria berço de José Renato Nalini.

Feliciano, personalidade interessantíssima de astrônomo e literato, assestou o telescópico no planalto de Piratininga, indagando dos astros e voltando o campo de visão para a França da *belle époque*.

Em seguida, chega ao Largo do Arouche a personalidade apaixonante e apaixonada do calcidoscópico Menotti Del Picchia; o homem que era o universo sondado pelas lentes inquietas de seu predecessor.

Poeta e romancista, teatrólogo e cineasta, jornalista e escultor, político e pintor, condestável da Semana de Arte Moderna que poderia hoje bradar na Praça Ramos Azevedo:

– Brasileiros, do alto do Teatro Municipal de São Paulo, oito décadas de modernismo vos contemplam!

Quando o cantor de “Juca Mulato” nos deixou, apenas pude pronunciar em meu adeus:

– Entre todos os personagens que criou, o mais fascinante foi ele próprio.

A ele não podemos dizer “descanse em paz” e, sim, “prosiga sempre”!

Na noite de hoje, Itapira dá boas-vindas a Jundiá!

Sucedendo ao poeta de “Máscaras”, nesta genealogia de talentos que se revezam, tive a emoção de saudar Duílio Crispim Farina, o sábio companheiro que trouxe da medicina para a história o olhar clínico diagnosticando grandezas da tradição paulista.

Poucos amaram com tanta intensidade e com tamanho conhecimento a alma de uma terra e a memória de um povo!

Ontem, chorávamos a perda desse irmão mais velho; hoje, é a alegria quem recebe o irmão mais moço que aqui chega rodeado do respeito de seus pares, da admiração dos alunos, da empatia dos leitores, do carinho dos amigos.

Votuporanga, Itu, Barretos, Monte Azul Paulista e Jundiá formam a ciranda de comarcas que evocam a lembrança do jovem magistrado que as percorreu.

Na década de 1980, assessora com o brilho de sua inteligência a Corregedoria-Geral e a Presidência do Tribunal de Justiça. Participa da criação da Escola Paulista de Magistratura e escreve a saga do Palácio da Justiça.

O autor de *Constituição e Estado Democrático*, *Ética e Justiça*, *O Juiz e o Acesso à Justiça*, *Ética Ambiental* e outros livros que vão do *Recrutamento e Preparo de Magistrados* à atualização de obras clássicas de José Frederico Marques – lançará brevemente *A Rebelião de Toga*.

Longa é a peregrinação do novo acadêmico pelos caminhos da rosa-dos-ventos. Participa em Washington, Venezuela, Portugal, França, Bélgica, Itália, Espanha, Japão e Alemanha de cursos e seminários sobre escolas de magistratura, a reforma judicial e “O papel do juiz no processo de integração regional”.

Os rumos que percorre, lecionando *Ética e Direito Constitucional*, *Instituições Judiciárias* e *Filosofia do Direito*, *Processo Penal* e *Ética Judiciária*, vão formando o mosaico que retrata alguém que vivencia com rara sensibilidade as “Perspectivas do Juiz e do Judiciário no Limiar do Século XXI”.

Nalini por sua formação religiosa, traz do passado uma postura templária e franciscana, de alguém que vive entre o combate, a meditação e o amor ao próximo.

Ao mesmo tempo, é o pensador moderno e atualizado na dramaturgia dos grandes problemas do homem contemporâneo.

Mas, do elmo de cavaleiro medieval e da participação intensa nos desafios da hora presente, surge, completando o tríptico dessa personalidade rara, o contemporâneo do futuro. O pensador que se projeta além de seu tempo na vocação de abrir caminhos e de marcar encontro consigo mesmo numa esquina do universo onde o horizonte se detém para receber aquele que ousou sonhá-lo.

No ano em que Vossa Excelência assume a Presidência do Tribunal de Alçada Criminal, comemoramos também a chegada de sua mocidade ao cenáculo de nossos cabelos brancos.

Sob a bênção de sua mãe, dona Benedita, sob o aplauso de seus pares e o entusiasmo da platéia de amigos, na condição de decano desta família de quarenta irmãos, dou as boas-vindas da Academia Paulista de Letras ao acadêmico José Renato Nalini.

Paulo Bomfim é poeta e decano da Academia Paulista de Letras

Regalia do antagonismo

Sonhos e sonhos vagam pela mente
Esperança do então desconhecido
Só uma certeza na alma decorrente
De exultar entalhando colorido
Abraça a face leve vento tímido

Pelo abraço das ondas, ninado.
Na ânsia ferver desejos reprimidos
Num instante, raso voar alado.
Mas não há tempo para solidão
A doce liberdade contamina

Versos simples, assim como paixão.
Agora a luz da verdade domina
De volta impassível ilusão
Tudo, à saudade, reafirma.

Ana Carolina Sato

Dama do balé russo

Irany Novah Moraes

Diaghilev, mecenas e diretor de teatro, foi o criador do balé russo. Em 1909, em Paris, revelou ao mundo uma forma nova do espetáculo coreográfico que originou o balé moderno.

O envelhecimento sempre foi grande preocupação da humanidade, basta lembrar que Gilgamesh (3000 a.C.), herói épico assírio, na Mesopotâmia consultou um sábio para saber como vencer a morte. Foi-lhe recomendado: vença, primeiramente, o sono durante sete dias e sete noites; terá rompido a barreira da morte e, assim, conquistará a longevidade. Em 1600 a.C. aparece o papiro egípcio *Como transformar um velho em um jovem de vinte anos*. Em livros como *Novo Testamento*, *Corão*, nos gregos, e nos romanos estão registradas esperanças em fontes minerais. Na Idade Média a alquimia procura o elixir da vida e a pedra filosofal. Absurdos dominaram os que estiveram preocupados com o próprio envelhecimento, como Metchnikoff, prêmio Nobel em 1908 que recomendava o iogurte. Steinech e Veronoff sugeriram a esterilização pela vasectomia. Assim, aparece a grande oportunidade para o charlatanismo. A doutora Ana Aslan, com o Gerovital H³, rendeu tanto dinheiro para a Romênia que foi considerada heroína nacional. Aliás, não se pode negar a exaltada percepção que os charlatães têm para detectar precocemente o que o povo deseja ouvir. Nós mesmos temos dois exemplos: o episódio do ipê-roxo e o da quelação.

Gerocultura

Procurei estabelecer o período de vida do ser humano para o qual se devesse focalizar as atenções no intuito de garantir a velhice saudável. Ocorreu-me defini-lo fazendo analogia da geriatria com a pediatria e, procurando uma simetria, surgiu-me a idéia de correlacioná-la com a puericultura. Assim, em regra de três, coloquei o x da questão no local que pretendia definir. A representação matemática ficou da seguinte forma:

puericultura : pediatria :: X : geriatria

Definir o x foi fácil depois que *pueri* (infantil) foi substituído por *gero* (idoso) mais *cultura*. Assim, nasceu gerocultura (*Suplemento Cultural do Jornal da APM*, julho 2003).

Evolução das idéias

No contexto da biogerontologia, vários foram os experimentos relevantes que merecem destaque e que, portanto, devem ser citados. No final do século XIX foi introduzida a técnica de cultura de tecido, cujo nome deveria ser na realidade cultura de célula, e que representou um grande progresso nas pesquisas sobre envelhecimento.

Em 1912, Alexis Carrel, prêmio Nobel, e Albert Ebeling cultivaram em laboratório durante 34 anos células do coração de embrião de galinha. A partir dessa conquista a biologia celular teve grande desenvolvimento, abrindo maior oportunidade para se conhecer melhor o envelhecimento.

Leonard Hayflick e Paul Moorehead desenvolveram pesquisas para comparar culturas de células embrionárias adultas, idosas e cancerosas. Esses autores conseguiram provar o envelhecimento celular. Como tal resultado foi rejeitado por Peyton Rous, prêmio Nobel, seu prestígio inibiu o progresso dos estudos nessa linha de pesquisas.

Muitas outras conquistas contribuíram para que esse tema permanecesse sempre em pauta.

Fatos comprovados

As células do organismo humano estão em permanente reprodução exceto duas; algumas com maior velocidade, como as do sangue, com um dia de vida; outras, como as da pele, vão permanentemente se esfoliando, sendo que a troca completa leva cinco anos, e finalmente os neurônios e fibras musculares que são finitas, não se renovam. O número delas já está

definido ao nascer e uma vez lesada morre, não há regeneração. As células musculares crescem em tamanho, mas não em número, há hipertrofia e não hiperplasia. A reparação da lesão ocorre pela cicatrização, à custa do crescimento do conjuntivo, que envolve a fibra muscular. O mesmo ocorre com os neurônios que, não se regenerando, qualquer processo de cicatrização ocorre à custa da glia.

Tais fatos deixam bem claro que a idade de cada indivíduo é, na verdade, a das células mais antigas, que não se renovam.

Experiência clínica

Tenho observado que doentes com claudicação intermitente se beneficiam com a prática da ioga. Alguns chegam a aumentar duas vezes sua autonomia de deambulação. Em outros, depois de controlados todos os demais fatores de risco da arteriosclerose, o quadro clínico torna-se estável e continua aumentando lenta e progressivamente o número de metros que podem caminhar sem dor.

Em pacientes politraumatizados nos quais a imobilidade no leito produz atrofia muscular e representa perigo de complicações pulmonares e de trombose venosa, os exercícios respiratórios, bem como os alongamentos garantem a capacidade vital e os protegem de complicações; os exercícios lentos com resistência mantêm a força muscular dos membros imobilizados.

Teorias do envelhecimento

São numerosas as teorias apresentadas por pesquisadores na busca do entendimento do assunto. Destaco algumas: 1 - desgaste (August Neismann, 1882); 2 - ritmo de vida (Max Rubner, 1908); 3 - acúmulo de resíduos; 4 - ligações cruzadas; 5 - radicais livres (R. Gerschman e Denham Harman, 1954); 6 - sistema imunológico (fogo amigo!); 7 - erros e repa-

ros (Peter Medawar – prêmio Nobel 1959, imunidade adquirida com respostas erradas, e George C. Williams, 1957, genes que se comportam bem e outros mal); 8 - contágio (aproximar-se dos jovens na esperança de que a juventude pegasse, como se fosse contagiosa); além de várias outras teorias relacionadas por Leonardo Hayflick em seu livro *Como e Por Que Envelhecemos* (Editora Campus, 1996).

A existência de muitas teorias para explicar um fato ou fenômeno ocorre quando nenhuma satisfaz plenamente.

Marcas do tempo

Em “Os Sinais da Velhice (e O Otimismo da Ciência)”, que publiquei em *O Estado de S. Paulo* de 20/12/1980, chamei a atenção do leitor para o fato de que suas marcas no organismo ocorrem desde o nascimento. Muitas são difíceis de ser caracterizadas, e ficam no limite da resposta fisiológica de adaptação às modificações naturais da idade, do sexo, do grupo étnico e do tipo constitucional. Outros fatores, como, o estilo de vida, hábitos, meio ambiente, interferem como fatores de variação. Relato alguns sintomas e sinais indicativos do envelhecimento, que reproduzo a seguir acrescentando outros e ordenando-os alfabeticamente.

Água e sódio alterados – tendência a desidratação; **audição diminuída**; **canície**; **calvície**; **coordenação motora prejudicada**; **crânio** – espessado; **curvaturas da coluna acentuadas**; **deficiência orgânica** – lenta e progressiva; **dentes desgastados**; **dores reumáticas**; **envergadura** – pouco diminuída; **estatura diminuída**; **face** – alongamento do nariz e das orelhas; **fraqueza nas pernas**; **gordura** – aumentada; **memória** – prejudicada; **metabolismo basal** – diminuído; **odor corporal** – menor pela atrofia glandular; **olfato diminuído**; **paladar alterado**; **personalidade inalterada**; **psiquismo modificado** – **Psiquismo no envelhecimento**. Recomendando a leitura de Guido Arturo Palomba que, em seu *Tratado de Psiquiatria Forense* (Athena Editora São Paulo, 911 páginas, 2003), que diz: “A velhice não é um estado patológico, mas a culminação da vida, uma etapa do desdobramento individual. A velhice não é um acidente mecânico tal qual a morte, mas a consequência inelutável do viver sem esse

acidente; **reflexos diminuídos**; **rugos**; **sede diminuída**; **sexualidade prejudicada** – a sexualidade é cheia de tabus que prejudicam o relacionamento sexual. A mulher chega a acreditar que deve abster-se, outras acreditam que com a menopausa os desejos desaparecem. O homem se apavora com o medo da disfunção erétil. Na realidade, o que muda é a fantasia que, da simples imaginação e visão, passa a necessitar de estímulos diretos nas áreas erógenas (Irany Novah Moraes – *Sexologia, Sexo, Sexualidade e Sexualismo*, 319 p., 1998); **sudorese** – é menor no idoso; **temperatura** – face, mãos e pés frios; **tremor**; **unhas quebradiças**; **visão diminuída**.

Despertar da comunidade médica

Não sabia que chegaria a ficar tão velho; se soubesse teria tratado melhor de mim.

Eubie Blake

Título de especialista nos EUA – A partir de 1988, despertou-se na comunidade médica americana um grande interesse pela obtenção do título de especialista em geriatria – é o que nos diz William B. Abrams e Robert Berkow, editores do *Manual Merck de Geriatria* lançado no Brasil pela Editora Roca. Os mesmos autores chamam a atenção para o fato de que certos processos fisiológicos diminuem com a idade, *por exemplo*, fluxo sanguíneo renal, taxa de filtração glomerular, frequência cardíaca máxima, débito cardíaco com exercício, tolerância a glicose, imunidade celular; entretanto, outros permanecem inalterados, como funções hepáticas e capacidade pulmonar. A secreção de ADH e as respostas a estímulos osmolares aumentam com o progredir da idade. Outro alerta é de que as manifestações das doenças nos idosos são diferentes das que ocorrem nos jovens. É o caso do hipertireoidismo, que pode ser oculto, bem como processos abdominais como apendicite aguda, que pode ficar mascarada por falta da sintomatologia clássica. A confusão mental pode ser desencadeada por desidratação.

Experiências laboratoriais – Experiências laboratoriais nos chamam a atenção para três pontos: 1 - restrição calórica; 2 - o número de calorias ingerido, a longevidade só depende do número de calorias absorvidas dia-

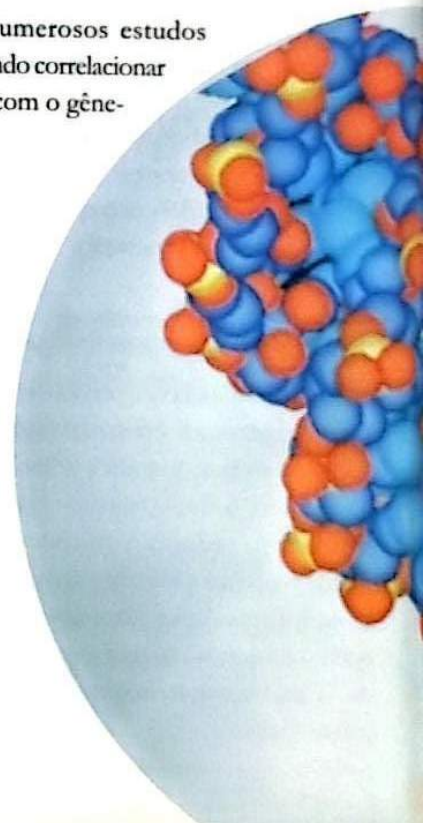
riamente; 3 - a duração da vida média depende de condições do meio.

Bolsa de estudos – A experiência adquirida em bolsa de pós-doutorado, oferecida pela Fundação Alexander Von Humboldt na Alemanha à professora doutora Marisa Campos Moraes Amato, livre docente do INCOR e ao professor doutor Salvador José de Toledo Aruda Amato titular da Faculdade de Medicina da Unisa levou-os a publicar o livro *Estilo de Vida*, já em 4ª edição no prelo. Em linguagem esportiva, simples, clara, precisa e concisa, o leitor, que tiver preocupação em se cuidar pode ter idéia do conteúdo pela simples leitura dos temas tratados, que destacam fatores de risco da aterosclerose; pressão alta; diabetes; colesterol bom e ruim + triglicérides; estresse; abandonar o cigarro; obesidade; comer bem e viver melhor; sedentarismo *versus* atividade física; câmbria; higiene do atleta; melhorando a postura; alguns temas da medicina (prolapso da valva mitral, próstata, saiba o que é câncer); perigo dos medicamentos (anticoagulação, reposição hormonal, anabolizantes, suplementos no esporte, uso abusivo de drogas, automedicação); primeiros socorros, parada cardiopulmonar e vários outros.

Grandes pensadores

Circulação de idéias garante a circulação cerebral.

Há numerosos estudos procurando correlacionar a idade com o gên-



no do trabalho do indivíduo, e descobrir se a grande atividade intelectual propicia longevidade. Nesses grupos estão papas, personalidades famosas, presidentes de grandes nações, que se projetaram no mundo, bem como muitos pensadores; considerando a expectativa de vida da época em que nasceram, registrou-se mais longevidade, o que convalida minha assertiva na epígrafe deste item.

Estado de espírito

*Idade, mais do que tempo,
é estado de espírito.*

O estado de espírito do ser humano decorre fundamentalmente da índole individual, do ambiente de seu lar, da educação, das amizades e de uma postura decorrente da valorização dos fatos e da própria experiência. Nesse ponto é que uma deliberação íntima, condicionada pelo exemplo na própria família ou por paradigmas que tenha elegido, pode definir a trajetória de vida; seja para o bem ou para o mal, com as conseqüências naturais do destino: alegria ou amargura. No primeiro caso, estão os otimistas cheios de sonhos. Estes encontram intuitivamente motivos positivos e agradáveis nos fatos do cotidiano. O exercício de procurar ver sempre o lado bom ocorrido na vida gera no subconsciente uma condição propícia para o indivíduo cultivar o bom humor e a ale-

gria de viver. No segundo caso estão os pessimistas, dominados por seus fantasmas interiores, que somente vêem o lado ruim dos fatos. Indivíduos temperamentais, mal-humorados, neurastênicos, invejosos, em intermitente crise existencial, se já não são, vão se tornar maus, perversos, frustrados, recalçados e, no íntimo, profundamente infelizes.

A dama

*...essa divina vaidade
é o segredo da existência.*
Oscar Wilde

Uma senhora russa foi a meu consultório e a recepcionista, ao preencher o cabeçalho do prontuário médico, perguntou a data de seu nascimento. Aliás, maneira delicada para não ferir suscetibilidades. Achei que tivesse havido engano. A paciente aparentava bem menos de 60 anos e na realidade, tinha 82! Falci que havia um erro na data. Empertigada, objetou com altivez e firmeza: "É isso mesmo, essa é minha idade!" Mostrei incredulidade, mas a paciente me contou que desde os 8 anos estava no balé russo, onde diariamente dançava dezesseis horas. Completou: "Hoje não consigo mais isso... mas também não consigo parar, assim, danço somente quatro horas, todos os dias". Esse fato ocorreu quando nossa expectativa de vida era menor do que 60 anos e a dela, ao nascer, devia ser de 40 anos. Aquela consulta era para resolver problema puramente estético. Queria livrar-se das telangiectasias nas pernas, pois, as achava muito feias!

Não teria sido o exercício que lhe propiciou chegar a uma idade provecta, aparentar bem menos, gozando perfeita saúde, uma vez que seu problema naquela oportunidade era uma manifestação de vaidade, pois estava preocupada com seu visual? Esse fato revela auto-estima e lembra Matias Aires que dizia: "Vaidade parece muito com amor próprio".

Tais fatores – atividade física e auto-estima – não teriam sido responsáveis pela longevidade e boa qualidade de vida?

Doutrina

*Longevidade é conquista duvidosa;
qualidade de vida é conquista garantida.*

■ **I. Revisão periódica da saúde** – corrigir maus hábitos e descobrir doenças ocultas.

■ **II. Atividade intelectual** – circulação de idéias garante a circulação cerebral.

■ **I. Meditação** – não pensar em nada, protege do estresse.

■ **II. Auto-estima** – segredo para manter a chama do eterno entusiasmo.

■ **III. Motivação** – sonhar alto e encontrar objetivo de vida.

■ **IV. Remover os fatores possíveis de risco de acidentes vasculares** – não fumar.

■ **V. Controlar os fatores internos de risco de acidentes vasculares** – controlar hipertensão arterial, diabetes e hipercolesterolemia.

■ **VI. Subnutrição sem desnutrição** – comer pouco de tudo em várias vezes.

■ **VII. Atividade física** – com regularidade, frequência e intensidade.

■ **VIII. Estado de espírito** – sempre em busca do lado bom dos fatos afasta os fantasmas da mente.

Siga estes preceitos. Eles garantem seu futuro, que é amanhã de manhã.

P.S. - Esta é a síntese das idéias que pretendo transmitir aos membros da ACADEMIA BRASILEIRA DE MEDICINA ANTI-ENVELHECIMENTO presidida pelo DR. KOSE HORIBE e aos participantes do III SIMPÓSIO INTERNACIONAL e I CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA ANTI-ENVELHECIMENTO, coordenado pela DRA. EDITH KAWANO HORIBE, em setembro de 2003.

Irany Novah Moraes
é professor da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo

Anedotas pastorianas

Arary da Cruz Tiriba

Antes da entrada em cena de Pasteur, vários veterinários foram mortos pela raiva contraída de cães. Daí a advertência do cientista a seus colaboradores, no começo da experimentação sobre a doença, para que tomassem precauções e evitassem quaisquer ferimentos. São suas palavras: "Seria imperdoável se eu não os prevenisse que, do esquecimento dessas medidas durante as pesquisas, a menor imprudência resultará em morte a curto prazo".

Relatam-se dois episódios sobre disposições desses atores diante de doenças temíveis: uma, a raiva, outra, a cólera.

Vamos ao primeiro. Mary Cressac, sobrinha e biógrafa de Emile Roux, discorre sobre a atmosfera do laboratório durante os primeiros trabalhos sobre a raiva, no ano de 1881. O quadro que o tio se comprazia em descrever persistia na imaginação dos que o ouviam, detalhadamente, qual tela viva de Rembrandt. Émile, Chamberland e Thuillier, os três... debruçados sobre uma mesa... o cão de grande porte, amarrado, músculos contraídos, dentes arreganhados!, supondo que a besta, apesar das precauções tomadas, os levasse a fazer um movimento falso!, supondo que um deles se ferisse com seu bisturi!, supondo que uma porção da medula rábica penetrasse no ferimento... Iria instalar-se o drama de semanas após semanas, ao longo das quais a pergunta angustiante: a raiva vai ou não vai se declarar?! Raiva contra a qual não possuíam, ainda, o remédio! Pela intransigência juvenil, eles se recusavam a admitir tal situação. Ao início de cada seção, um revólver carregado era deixado ao alcance de suas mãos. Se a infelicidade atingisse um dos três, um dos dois outros – o que tivesse mais coragem –, iria atirar-lhe uma bala na cabeça!!!

Não, não era possível assegurar que, se o acidente de inoculação sucedesse, a arma seria disparada. Mas a febre no cérebro daqueles homens – inclinados

sobre a mesa de dissecação –, decuplicava suas forças espirituais, levando-os a mergulhar – de corpo e alma –, na luta de gigantes. Não eram mais os pesquisadores que o trabalho metódico do laboratório absorvia, mas os pioneiros!, os aventureiros da ciência!...

Vamos ao segundo. Eram objetivos de Pasteur: a produção de um meio de cultivo laboratorial em que os microrganismos sob estudo se desenvolvessem; a observação da evolução da doença e dos efeitos da vacina – nas galinhas, em coelhos e cães –; e, por fim, a aplicação nos seres humanos.

Em setembro de 1884, Pasteur, respondeu missiva que lhe chegara por intermédio do encarregado dos negócios do Brasil, barão de Itajubá. A carta era do imperador do Brasil, D. Pedro II de Alcântara. De forma respeitosa, Pasteur agradece a Sua Majestade pelas elogiosas referências sobre as pesquisas sobre a raiva e a cólera, doenças devastadoras. Reafirma, Pasteur, seu ardor no prosseguimento das investigações; aproveita a oportunidade para solicitar à Majestade que o autorize a inocular raiva nos condenados à morte, com o propósito de verificar um tratamento que permita ao sentenciado superar o desafio; diz-se seguro dos bons resultados; o prêmio àqueles condenados seria a abolição da pena capital.

Vai além, Pasteur. Pede aval para experimentação semelhante em relação à transmissão da cólera; uma vez declarada a doença, seriam testados os remédios supostos eficientes. Se ele, Pasteur, tivesse poderes de um governador assim agiria em prol do bem da humanidade... E adianta, apesar de sua saúde precária*, deslocar-se-ia até o Rio de Janeiro com o objetivo de assumir a experimentação.

E o Imperador**, responde o quê? Pasteur "devesse saber, talvez... que a pena de morte no meu país, já havia

sido atenuada pelo soberano e suprimida indefinidamente. Quanto à vacina, a da raiva, se não era de efeito incontestável, quem optaria pela dúvida: entre a morte – a possível –, pela não-consumatória; pelo suicídio, o admissível versus o não-provável?"

A proposição de Pasteur encontrou reação no seu país: inaceitável! Solicitação surpreendente! Abusiva da condição de prisioneiros, seduzindo-os pela aceitação do contrato vantajoso e irresistível... "Teria, ele, acionado uma máquina infernal"... expressão de seu compatriota, um filósofo de ciências...

Cenas do século XIX... Em ambas, não houve a concretização factual, limitadas que foram à mera proposição. Tais passagens encontrariam eco neste XXI? Seriam, apenas, repercussões isoladas de ordem histórica? científica? filosófica? ética? social? epistêmica? antropológica?...

O expositor se exime da discussão, mas o convida a expor sua opinião. Você, leitor, com a palavra...

* À época, Pasteur já se apresentava com hemiplegia esquerda decorrente de acidente vascular cerebral.

** D. Pedro II, uma vez deposto, foi residir na França, onde contribuiu para a edificação do Instituto Pasteur.

O primeiro episódio é descrito em "Pasteur et la Rage, Informations Techniques des Services Vétérinaires – Ministère de l'Agriculture", Revue du Syndicat National des Vétérinaires Inspecteurs du Ministère de l'Agriculture (SNVIMA), 3ème trimestre, 1985; o segundo, em "Louis Pasteur l'Empire des Microbes, Daniel Raichvarg, Découvertes Gallimard Sciences, 1995.

Arary da Cruz Tiriba

é professor titular (aposentado, em atuação voluntária) da Unifesp/EPM

O português no mundo



Em 1185, com a independência de Portugal começou a separação entre o galego e o português, passando a ser esta a derradeira língua proveniente do latim ou, no dizer de Olavo Bilac em seu poema "Língua Portuguesa", a "última flor do Lácio, inculta e bela". Dom Dinis, rei de Portugal, há cerca de 800 anos selecionou o idioma que se falava na região do Porto como o oficial do reino. Com a expulsão dos mouros em 1249 de Portugal e da Galiza após mais de cinco séculos de domínio, firmou-se a diversificação entre o português e o galego. Em 1385 Portugal venceu os castelhanos em Aljubarrota e galgou sua soberania. Dom João I, início da dinastia de Avis, oficializou o português como o vernáculo do reino. Entretanto, somente em 1536 Fernão de Oliveira publicou a obra *Gramática da Língua Portuguesa*, constituindo-se num marco do português como idioma autônomo.

A língua portuguesa, no conjunto dos países lusófonos, reúne 650 mil vocábulos! A maior parte provém do latim, contudo, tiveram grande influência do grego e do árabe. A expansão colonialista lusitana também acabou aportuguesando termos dos idiomas nativos. Há, ainda, algumas palavras influenciadas pelo chinês (cantonês, na maioria), malaio e hindi. No Brasil houve forte influência dos vocábulos tupis-guaranis e em menor monta das línguas dos tapuias.

As dez línguas mais faladas no mundo em números redondos e aproximados são: 1º, **mandarim** (chinês): 650 milhões de pessoas. Se forem acrescentados os falantes de **pequênês**, sua varia-

ção dialetal, têm-se 885 milhões; 2, **inglês**: 320 milhões; 3º, **espanhol**: 270 milhões; 4º, **hindi**, língua nacional da Índia, uma das 18 línguas oficiais num conjunto de mais de 1.600 línguas e dialetos: 240 milhões; 5º, **português**: 230 milhões; 6º, **bengali**, língua antiquíssima falada no Golfo de Bengala, atual Bangladesh, outrora Paquistão Oriental, e no estado de Bengala (Índia): 220 milhões; 7º, **russo**: 200 milhões. Em 1991, na época da perestroika de Mikhail Gorbachov, a ex-URSS contava com 225 línguas; 8º, **árabe**: 180 milhões; 9º, **japonês**: 126 milhões; e 10º, **francês**: 110 milhões.

Com exceção das áreas desérticas e as não habitadas do globo, a língua portuguesa é expressa em 1/7 do espaço terrestre, correspondendo a 10.739.816 km² (em Portugal são 92.135 km²; nas ex-colônias portuguesas da África, Ásia e Oceania, 2.100.277 km²; e no Brasil, 8.547.404 km²).

O português é falado por cerca de 4% dos 6 bilhões de habitantes da população mundial. Esse número sobe para 12% se se levar em consideração apenas o mundo ocidental, onde existe a maior porção da riqueza e do desenvolvimento tecnológico do planeta. No continente americano é expresso por 1/5 da população (22%); na América do Sul e Central, juntas, por 43%, e exclusivamente na América do Sul por 51% dos 328 milhões de habitantes.

Na divisão atual dos domínios da língua portuguesa tem-se:

1. **português continental**, o falado em Portugal;
2. **português insular**, falado nas ilhas da Madeira e dos Açores;
3. **português ultramarino**:
 - a. América: Brasil
 - b. África: Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Melinde e Mombaça.
 - c. Ásia: Goa, Damão, Diu, Sri Lanka (ex-Ceilão), Macau, Java,

Malaca, Cingapura, Casamansa e Zanzibar (ilha da Tanzânia).

d. Oceania: Timor Leste, arquipélago dos Lusíadas, Papua-Nova Guiné e Austrália.

e. Antártica: Ilhas do Rei George, Elefante e Nelson do arquipélago Shetland do Sul.

De acordo com o Summer Institute of Linguistics da Universidade do Texas, havia no mundo, em 1995, 6.703 línguas e cerca de 7 a 8 mil dialetos. Dentre elas, o português sobressai como o quinto vernáculo mais falado do mundo em números absolutos e o terceiro dentre os idiomas universais de cultura, precedido pelo inglês e espanhol.

Uma língua é considerada morta quando falada por menos de 200 mil pessoas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população nacional cresce aproximadamente 3.200.000 habitantes ao ano, ou seja, a cada triênio se produz população quantitativamente similar a de Portugal. Assim, o português está em franca expansão e já ultrapassou outros idiomas que outrora tiveram maior difusão ou expressão numérica, como o árabe, o russo e o bengali. Por outro lado, o alemão, o francês e o italiano dão sinais de declínio.

Tais dados testificam que o português está vivíssimo e não deve ser menosprezado, motivo de orgulho para todos os brasileiros, os maiores protagonistas da expansão hodierna do vernáculo.

Helio Begliomini

é membro da Academia Cristã de Letras, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) e da Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames)

DOCE ILUSÃO

Você disse que ia embora
nunca mais ia vortá
saíu pelo mundo afora,
eu chorando no arraiá
levô também a esperança

Foi, deixô só ilusão
matô o meu coração
que a amou desde criança

Foi enfrenta o destino
e deixô no purgatório
um coração de menino
que a tinha no oratório

Chamei a Maricota
p'ra vir comigo morá
ela entrô na minha toca
você começô a chorá

Você tinha ido embora
e hoje você chora
me pedindo p'ra vortá
foi morá n'outro lugá

Hoje você tá morta
meu coração se apagô
num tem jeito, a sua vorta
nem alegre o bangalô

Deus um dia lhe castiga
foi sua a decisão
hoje nem mais as cantiga
tóco no meu violão

Maricota é muito boa
mas num enche o coração
você inda me magoa
você foi "doce ilusão".

Alberto Adde

Tratado de Psiquiatria Forense Civil e Penal

do doutor Guido Arturo Palomba, edição da Atheneu São Paulo

Silveira Peixoto

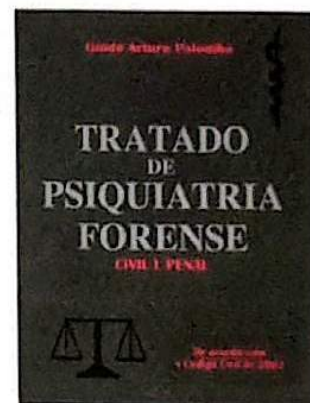
Presidente da Academia de Medicina de São Paulo, Psiquiatra forense (AMB, ABP, SBML), Perito habilitado nos tribunais judiciais de São Paulo, membro da Academia Paulista de História, membro da International Academy of Law and Mental Health, ex-médico-chefe do Manicômio Judiciário de São Paulo – em edição da Atheneu Editora São Paulo (edição, deveras, em tudo magnífica), o notável doutor Guido Arturo Palomba acaba de lançar *Tratado de Psiquiatria Forense Civil e Penal*.

Em três partes distintas – a história da psiquiatria forense, “visando a mostrar que a especialidade foi gerada no ventre da mãe Medicina Legal”, já no final, com nossa legislação atual sobre a matéria e apresentando alguns dispositivos de Códigos Penais de vários países, pertinentes à psiquiatria forense; a segunda parte “visando principalmente a psiquiatras e psicólogos, que desejam ser peritos”; a terceira parte tendo por finalidade valer de “dirimente de dúvidas médicas e jurídicas”, muitas vezes ocorrendo em processos judiciais e inquéritos policiais.

Senhor de bom português, em linguagem clara, acessível, nessas três partes o mestre Guido Arturo Palomba expõe tudo de maneira fa-

cilmente assimilável e completa. É um excelente professor na matéria, numa didática notável, pondo a matéria fácil de ser entendida. Bem por isso, também, faz de seu tratado um dos melhores, senão o melhor e bem atualizado.

Cabe juntar que *Tratado de Psiquiatria Forense Civil e Penal* está em excellentíssima edição – em tudo benissimamente cuidada pela Atheneu Editora São Paulo, desdobrando-se e honrando o muito valor do trabalho de anos a fio na matéria, do muito eminente doutor GUIDO ARTURO PALOMBA – assim com todas as letras em maiúscula.



Silveira Peixoto

da Academia Paulista de Letras
e do Instituto Histórico e Geográfico
de São Paulo, para Suplemento
Cultural da APM

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira